

■ Zoologia

Aves da Mata Atlântica

A Estação Ecológica dos Caetetus possui um dos maiores remanescentes de mata estacional semidecídua (que perde parte das folhas) ainda presentes no estado de São Paulo. Poucos estudos foram realizados nessa localidade, extremamente importante no que diz respeito às aves da Mata Atlântica do interior paulista. Para caracterizar a avifauna da estação com dados recentes e contribuir com novos registros, foi realizado um levantamento da avifauna entre outubro de 2005 e dezembro de 2006. Foram registradas 226 espécies, enquanto diversos autores registraram outras 68, para um total de 293 (*acima um Leucochloris albicollis, o beija-flor-do-papo-branco*). Muitas delas são endêmicas da Mata Atlântica ou do Cerrado e algumas são ameaçadas no estado, justificando a existência dessa unidade de conservação e provando a necessidade de inventários em longo prazo e da preservação de fragmentos de mata estacional semidecídua nativa. O trabalho está no artigo “Avifauna da Estação Ecológica dos Caetetus, interior de São Paulo, Brasil”, de Vagner Cavarzere, Gabriel Parmezani Moraes e Reginaldo José Donatelli, da Universidade Estadual Paulista (Bauru).



LUIS A. FLORIT/IMPA

PAPÉIS AVULSOS DE ZOOLOGIA (SÃO PAULO) – VOL. 49 – Nº 35 – SÃO PAULO – 2009

■ Oceanografia

Clima de ondas ao largo da costa

O artigo “Brazilian offshore wave climate based on NWW3 reanalysis”, de Cássia Pianca e Eduardo Siegle, do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, e Piero Luigi F. Mazzini, do College of Oceanic & Atmospheric Sciences (Estados Unidos), apresenta o clima de ondas da região ao largo da costa brasileira com base em uma série temporal de 11 anos (janeiro de 1997 a dezembro de 2007). Informações sobre o regime de ondas no Brasil são escassas e baseadas em observações ocasionais de curto período, sendo a presente análise inédita na escala espaço-temporal apresentada, de acordo com os autores. Para a definição do clima de on-

das foram analisados seis setores ao longo da quebra da plataforma continental brasileira: Sul (W1), Sudeste (W2), Central (W3), Leste (W4), Nordeste (W5) e Norte (W6). W1, W2 e W3 possuem os regimes de ondas controlados pela alta subtropical do Atlântico Sul e pela passagem de frentes frias sinóticas; W4, W5 e W6 são controlados pela zona de convergência intertropical e sua oscilação meridional. As ondas mais energéticas são as geradas por ventos intensos associados à passagem de frentes frias, afetando principalmente as regiões Sul e Sudeste do país. A energia das ondas apresenta um decréscimo de sul para norte, com a sua variação anual mostrando que no período de inverno as ondas são mais energéticas nos setores W1 a W4, enquanto nos setores W5 e W6 as condições mais energéticas ocorrem nos meses de verão do hemisfério Sul.

BRAZILIAN JOURNAL OF OCEANOGRAPHY – VOL. 58 – Nº 1 – SÃO PAULO – JAN./MAR. 2010

■ Tecnologia de alimentos

Vinhos brasileiros

O trabalho “Discriminação de vinhos tintos brasileiros de acordo com a região vitícola, varietal e vinícola”, de Alberto Miele, Luiz Antenor Rizzon e Mauro Celso Zanus, da Embrapa Uva e Vinho, avaliou a composição físico-química de 171 vinhos tintos brasileiros feitos na safra de 2006, representados por 21 varietais (feitos por um tipo de uva predominantemente ou exclusivamente). Os vinhos foram preparados por 58 vinícolas localizadas em sete regiões do país com latitudes variando de 9° a 31° Sul. Os resultados mostraram que, ao se considerar as regiões vitícolas, as bebidas de São Joaquim caracterizaram-se por valores mais elevados de A420, A520, A620, intensidade de cor, compostos fenólicos totais, antocianinas e extrato seco, enquanto as de Toledo apresentaram valores mais baixos dessas variáveis; as do Vale do São Francisco tiveram valores mais elevados de potássio, pH, densidade e acidez volátil; as da Serra do Nordeste A, maior acidez titulável; e as do Planalto Superior B, matiz mais elevado. No que se relaciona aos vinhos varietais, a análise de componentes principais discriminou os vinhos feitos com as variedades Ancellotta, Teroldego, Egidola, Refosco, Marselan, Cabernet Sauvignon, Pinotage, Pinot Noir, Malbec, Arinarnoa, Barbera e Alfrocheiro.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE ALIMENTOS – VOL. 30 – Nº 1 – CAMPINAS – JAN./MAR. 2010

■ Jornalismo científico

Revistas de divulgação

No artigo “Especificidades do jornalismo científico na leitura de textos de divulgação científica por estudantes de licenciatura em física”, de Ricardo Henrique Almeida Dias e Maria José P.M. de Almeida, da Universidade Estadual de Campinas, os autores fazem uma síntese sobre elementos específicos do jornalismo científico e identificam a presença de alguns desses elementos nas interpretações de licenciandos em física ao lerem textos de divulgação científica das revistas *Pesquisa FAPESP* e *Ciência Hoje*.

REVISTA BRASILEIRA DE ENSINO DE FÍSICA – VOL. 31 – Nº 4 – SÃO PAULO – OUT./DEZ. 2009

■ Administração

Sistema de franquias

O sistema de franquias movimenta na economia brasileira cerca de R\$ 46 bilhões/ano por meio de 1.197 redes que licenciam 65.500 unidades, gerando quase 600 mil empregos diretos. Nos Estados Unidos o número é muito maior, com cerca de 760 mil unidades franqueadas e movimento de US\$ 1,53 trilhão/ano. O objetivo do estudo “Publicação científica nacional e internacional sobre *franchising*: levantamento e análise do período 1998 – 2007”, de Pedro Lucas de Resende Melo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e Tales Andreassi, da Fundação Getúlio Vargas, é desenvolver uma meta-análise sobre *franchising*, envolvendo 61 artigos científicos nacionais e internacionais publicados de 1998 a 2007. São abordadas as seguintes questões: como tem evoluído a pesquisa científica em *franchising*; em quais veículos acadêmicos estão vinculados; as principais temáticas abordadas; os vínculos institucionais dos autores; a participação de estados e países; a predominância de determinados autores; os métodos de pesquisa utilizados e os segmentos econômicos de aplicação.

REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA – VOL. 14 – Nº 2 – CURITIBA – ABR. 2010

■ Dermatologia

Uso de repelentes na selva

No Brasil, doenças provocadas por picadas de insetos são frequentes, o que torna importante a execução de medidas profiláticas de forma adequada, sobretudo em áreas endêmicas como a Amazônia, que recebe um grande contingente de visitantes, a trabalho ou turismo (*na foto mosquito do gênero Anopheles*). O objetivo do estudo “Avaliação do uso de repelentes contra picada de mosquitos em militares na bacia Amazônica”, de Jonas Ribas, da Universidade Federal do Amazonas, e Ana Maria Carreño, médica do Comando Aéreo Regional da Força Aérea Brasileira, foi avaliar o uso dos repelentes de insetos disponíveis no mercado por militares

que realizam missões na selva. Foram selecionados 51 militares da região amazônica que responderam um questionário em junho/2008. Os resultados mostraram que 63,7% deles usaram produtos contendo Deet (composto químico que serve como repelente de insetos) na concentração máxima de apenas 15%, que possui mínima ação de repelência; 36% relataram usar protetor solar associado; 36,4% fizeram uso de um repelente natural em suas missões; dois militares usaram vitamina B e consideraram a sua ação de repelência ineficaz. Os repelentes à base de Deet utilizados pelo grupo estudado apresentam concentrações inferiores às consideradas seguras para uso em ambiente de selva. Foi frequente a associação do Deet com protetor solar, uma combinação potencialmente tóxica. Os repelentes naturais à base de andiroba e copaíba apresentaram o maior grau de percepção de proteção.



GENILTON VIEIRA/FOCRUZ

ANAIAS BRASILEIROS DE DERMATOLOGIA – VOL. 85 – Nº 1 – RIO DE JANEIRO – JAN./FEV. 2010

■ Saúde coletiva

Sintomas indefinidos

Os sofreadores de sintomas indefinidos – pacientes que apresentam sintomas sem uma lesão orgânica ou uma causalidade reconhecida – correspondem a uma parcela importante da demanda ambulatorial e podem ser considerados uma “anomalia” para o modelo biomédico. O atendimento qualificado desta demanda representa, ainda hoje, um desafio para a atenção médica. No artigo “Os sofreadores de sintomas indefinidos: um desafio para a atenção médica?”, de Carla Ribeiro Guedes e Kenneth R. de Camargo Jr., do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e Maria Inês Nogueira, do Instituto de Saúde da Comunidade da Universidade Federal Fluminense, os autores apresentam as principais estratégias utilizadas por médicos de diferentes especialidades do hospital-escola de uma faculdade de medicina do Rio de Janeiro, para lidar com essa demanda. A partir de uma análise qualitativa de 10 entrevistas com os médicos, os pesquisadores constataram que a maioria deles apresenta estratégias limitadas e não resolutivas ao abordar esses pacientes. Uma das principais conclusões do presente estudo é que tais dificuldades podem estar atreladas à formação médica, visto que as questões ligadas à relação médico-paciente, sobretudo no que diz respeito aos aspectos subjetivos e à singularidade do sofrimento humano, não são valorizadas no ensino.

PHYSIS: REVISTA DE SAÚDE COLETIVA – VOL. 19 – Nº 3 – RIO DE JANEIRO – 2009

> O link para a íntegra dos artigos citados nestas páginas estão disponíveis no site de *Pesquisa FAPESP*, www.revistapesquisa.fapesp.br